

## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação

Curricular flows and journalistic production dynamics: reflections about graduation's challenges



ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG<sup>1</sup>  
MICHELLE JÚNIA SOARES<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta alguns dos resultados da pesquisa *Egressos do Jornalismo/UFU no mercado de trabalho* (SOARES, 2015), realizada em 2014 com os profissionais formados na primeira e segunda turmas do curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa consistiu na aplicação de um questionário anônimo a todo universo de 49 egressos e a entrevistas em profundidade com 10 deles, escolhidos por conglomerados (GIL, 2002), por atuarem em áreas representativas. Serão discutidos alguns dos resultados obtidos, com o objetivo de demonstrar que a formação profissional ofertada é avaliada de modo distinto entre os profissionais que atuam em mídias tradicionais e aqueles que atuam em novos meios ou processos comunicativos. Com tal experiência, pretende-se colaborar na reflexão quanto a novos fluxos curriculares e práticas formativas nos cursos superiores para formação de jornalistas.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo UFU. Egresso. Jornalista. Formação. Perfil.

### ABSTRACT

The article presents some of the results from the research *Egressos do Jornalismo/UFU no mercado de trabalho* (SOARES, 2015), made in 2014 with professionals graduated with the first and second classes of the Social Communication: Qualification in Journalism, from the Federal University of Uberlândia. The research consisted of an anonymous questionnaire to all of the 49 graduated students and deep interviews with 10 of them, chosen by conglomerates (GIL, 2002), for acting on significant areas. It will discuss some of the results obtained, aiming to show that the professional formation offered is perceived in different forms by professionals who work at traditional medias and those who work in new or communicative processes. With such experience, it intends to collaborate with the reflection about new curricular flows and formation practices on graduation programs for journalists formation.

### KEYWORDS

UFU Journalism. Graduated. Journalist. Formation. Profile.

Recebido em: 29/04/2015. Aceito em: 23/05/2015.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora adjunta do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: [anaspenn@gmail.com](mailto:anaspenn@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1171056979080219>.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: [michellejunias@hotmail.com](mailto:michellejunias@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2273108350219719>.

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos um momento histórico em que os cursos de Jornalismo de todo o Brasil se debruçam sobre seus fluxos curriculares para avaliar e propor mudanças que possibilitem se adaptar às Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo (BRASIL, 2013), publicadas em outubro de 2013. Tais análises se complexificam sobremaneira se as compreendermos em um cenário no qual presenciamos constantes transformações dos processos de produção e consumo da informação jornalística.

Nesse cenário, preocupam-nos, de modo especial, as dificuldades encontradas pelos sujeitos envolvidos no processo de formação do jornalista em um momento em que convivem, nem sempre de modo harmônico, mídias e processos de comunicação inovadores com estruturas curriculares pautadas quase sempre nas mídias tradicionais. A discrepância entre uma formação pautada em fluxo curricular alicerçado nas mídias tradicionais e as demandas de uma prática em constante atualização tecnológica foram um dos resultados obtidos na pesquisa *Egressos do Jornalismo/UFU no mercado de trabalho*.

22 |

O curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, imerso no processo de reestruturação do seu Projeto Político Pedagógico,<sup>3</sup> buscou levantar informações sobre o perfil do egresso inserido em diferentes espaços do mercado de trabalho. Tal mapeamento visava analisar como a formação oferecida, incluindo aqui não apenas as disciplinas, mas também as atividades complementares, a estrutura física e laboratorial, o corpo de docentes e técnicos, contribuíram nas práticas profissionais que vêm sendo desenvolvidas pelos profissionais inseridos no mercado de trabalho. Criado em 2009 e com três turmas formadas até o momento, o curso alcançou a primeira colocação nacional na classificação do Inep/MEC para cursos de Jornalismo em 2013.

O presente artigo apresenta brevemente alguns dos resultados dessa pesquisa, desenvolvida como monografia de conclusão de curso (SOARES, 2015), sobretudo no que se refere ao paradoxo de formar profissionais de comunicação em um cenário de convergência, no qual processos e práticas são

---

<sup>3</sup> O processo de reestruturação curricular do referido curso iniciou em setembro de 2010 e encerrou-se em julho de 2014. No momento, a proposta, já aprovada em duas instâncias, aguarda a apreciação apenas no Conselho de Graduação da UFU.

constantemente atravessados pelas novidades tecnológicas e, na maior parte das vezes, por elas modificados. Para tanto, o texto está estruturado em quatro momentos, além dessa introdução. No primeiro, discorre-se brevemente sobre a formação profissional do jornalista, em um segundo bloco apresentam-se mais detalhadamente o objeto do estudo – curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da FAGED/UFU – e a metodologia adotada e, na sequência, expomos algumas reflexões sobre os resultados obtidos para, por fim, refletir brevemente sobre os desafios que eles apontam para os fluxos curriculares.

## **2 JORNALISMO COMO PRÁTICA PROFISSIONAL**

A profissão de jornalista é relativamente nova, uma vez que poucos estudos constam antes dos anos 1970, década em que a “tribo” começou a se expandir, segundo Traquina (2008). Porém, o fato de ser uma profissão nova não significa que a prática seja, pois é possível encontrar diversos registros de modos de produção e circulação da informação em civilizações da Antiguidade, mas “[...] na emergência da chamada Idade Moderna, ela assume um conjunto específico de características e determinadas funções que lhe conferem papel de destaque nas organizações sociais.” (SPANNENBERG, 2009, p. 9).

Para entender a profissão é essencial conhecer sua história, identificar como surgiram condutas e padrões considerados habituais na atualidade. Érik Neveu (2006) afirma que cada vez mais pesquisas concordam que a Grã-Bretanha e, principalmente, os Estados Unidos, originaram algumas das práticas jornalísticas mais consolidadas dos tempos atuais. Dentre elas, a importância de se ter um profissional especializado em coletar informações para a sociedade, como, por exemplo, quando descobertas e divulgações sobre escândalos políticos são feitas. A habilidade do jornalista de ir a campo apurar fatos, relatar suas pesquisas, ter uma agenda de endereços e a capacidade de tomar notas e dominar a situação em entrevistas também estão entre estas condutas.

Tais práticas, que hoje associamos ao jornalismo, assumiram tal configuração há pouco mais de um século e meio. Seguindo a proposta de Traquina, podemos situar essa mudança, ou ao menos o seu início, no século

## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação

XIX, e afirmar que ela está estruturada em três vertentes: a expansão, a comercialização e a profissionalização. O autor define esses três processos:

1) a sua expansão, que começou no século XIX com a expansão da imprensa, e explodiu no século XX com a expansão de novos meios de comunicação social, como o rádio, a televisão, e abre novas fronteiras com o jornalismo on-line; 2) a sua comercialização, que teve verdadeiramente início no século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação, ou melhor dito, a notícia; 3) concomitantemente, [...] a profissionalização dos jornalistas e uma conseqüente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia. (TRAQUINA, 2005, p. 33).

No presente artigo, interessa-nos, de modo específico o processo que o pesquisador denomina “profissionalização” do jornalismo. Tal mudança ocorre de forma concomitante aos processos de expansão e comercialização, à medida que mais pessoas passam a dedicar-se integralmente à atividade jornalística e essa vai estabelecendo um conjunto de saberes específicos e regras profissionais que devem ser cumpridas.<sup>4</sup> Michael Kunczik (2002) afirma que apenas no século XIX pode-se encontrar um movimento nesse sentido.

A profissionalização do jornalismo se consolida com três principais fatos: o desenvolvimento do ensino universitário, a criação de instituições de classe que visam defender os interesses dos profissionais e o estabelecimento de códigos deontológicos. A primeira experiência de ensino universitário de Jornalismo ocorre na década de 1860, na Universidade de Washington, nos Estados Unidos. A intenção é oferecer um curso prático, com “ênfase no treino da escrita e da edição” (TRAQUINA, 2005, p. 84). No início do século XX há um grande crescimento, que faz passar de quatro cursos em 1910, para 28 em 1920 e 54 em 1927 nos Estados Unidos, conforme registra Traquina (2005, p. 85).

A criação de associações, clubes e sindicatos dos profissionais do jornalismo tem suas primeiras ocorrências registradas na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, Inglaterra e França. Tais instituições, conforme Ferenczi, citando o exemplo francês, “cumpriam a função de ajudar a construir uma coesão profissional, oferecendo aos seus membros três prestações

<sup>4</sup> Há, no campo da Sociologia das Profissões, uma longa discussão sobre o que constitui uma profissão, e, em consequência, se o jornalismo poderia ser considerado profissão, ou apenas uma ocupação. Foge dos objetivos do presente artigo entrar em tal discussão. Para saber mais, ver Traquina (2005) e Kunczik (2002).

principais: a assistência médica, as licenças de circulação nas ferrovias e, sobretudo, as reformas.” (apud TRAQUINA, 2005, p. 82). Já em fins do século XIX, são realizadas as primeiras mobilizações de classe em nível internacional.

É concomitante ao surgimento das instituições representativas de classe o desenvolvimento dos primeiros códigos deontológicos da profissão. Conforme Traquina, “o primeiro ‘código de conduta’ localizado para jornalistas apareceu em 1890, e apesar de terem sido registradas ‘máximas’ rudimentares e claras nos fins do século XIX, ninguém parece ter oferecido um código mais formal até 1911.” (2005, p. 88). Em 1900 surge o primeiro código de ética de jornalismo, na Suécia, porém esse somente é adotado em 1920. Pouco antes disso, em 1918, o Sindicato Nacional de Jornalistas da França aprova o seu código e, internacionalmente, data de 1939 o estabelecimento de um “código de honra profissional” (TRAQUINA, 2005, p. 88).

Consolidada a atividade, ao longo do último século o jornalismo sofreu grandes mudanças, que implicaram diretamente no perfil dos seus profissionais e nas suas práticas. Atualmente, cada vez mais se caminha para um “jornalismo de mercado”, expressão que surgiu em pesquisas nos Estados Unidos (NEVEU, 2006). Esta lógica consiste em uma crescente ambição por parte do mercado jornalístico, que visa acumular o máximo de fundos quanto possível, excedendo significativamente o necessário para a realização de um jornalismo de qualidade. Para atingir estes objetivos comerciais, diversas técnicas que a autora denominava como “questionáveis” vêm sendo incorporadas ao cotidiano das redações (NEVEU, 2006).

Primeiramente, o direcionamento dos conteúdos visando atingir um público maior e o mais híbrido possível, aumentando, sobretudo, as notícias de entretenimento e informação-serviço. Outros pontos importantes para se destacar são a sensacionalização das notícias, buscando chamar a atenção do público de qualquer maneira e a valorização da alta velocidade da informação. Além da estrutura da comunicação, as condições de trabalho dos profissionais do jornalismo também sofrem fortes modificações (NEVEU, 2006).

Na lógica capitalista existem basicamente duas formas de se aumentar o lucro financeiro: aumentar a receita e diminuir os gastos. Como forma de contemplar a segunda opção, quem sofre são os jornalistas. Exploração de

## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística:

### reflexões sobre os desafios da formação

estagiários (mão-de-obra barata), *freelancers* e trabalhadores com contratação intermediária, estão entre as formas de exercer esta redução de despesas. A instabilidade na carreira de jornalista é crescente (NEVEU, 2006).

O jornalista inserido neste mundo mercantil tem sua preocupação substituída. Enquanto antes era essencial levar à sociedade informações relevantes de qualidade, hoje o importante é levar conteúdos que atraiam o consumidor, e rápido. Uma das principais características do jornalismo na web é a instantaneidade de divulgação de conteúdos. Devido à concorrência, os jornalistas são pressionados a lançar seus materiais o mais rápido possível, perdendo o pouco tempo para reflexão que tinham anteriormente (NEVEU, 2006).

## 2.1 O percurso brasileiro

Iniciada em 1808 com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, a história do jornalismo no Brasil tem pouco mais de 200 anos. A profissão passou por momentos difíceis de opressão, que acompanharam o contexto histórico do país. Por exemplo, a censura prévia imposta pela Coroa portuguesa até 1821, o decreto regulamentador do “abuso da liberdade de imprensa”, em 1837, no período regencial, e a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Estado Novo, em 1937, que controlava e punia publicações (PETRARCA, 2008).

Durante mais de um século no Brasil a profissão de jornalista esteve ligada a um meio termo entre a carreira da esfera política e da esfera cultural. Por um lado, uma associação com postos e cargos políticos, e, por outro, com escritores literários e atividades artísticas. Os jornalistas ficavam na profissão provisoriamente, ora para arrecadar receita extra, ora para criar contatos com futuras oportunidades (PETRARCA, 2008).

Foi no fim do século XIX que a categoria do jornalista especializado aparece, com o advento da reportagem. Este profissional monopoliza o título de jornalista, antes destinado a qualquer pessoa que trabalhasse no jornal. Agora, o jornalista é aquele que vive para coletar e confeccionar notícias. Para isto, é preciso apurar o que se vê e ouve na rua. A partir de então, a característica mais forte deste jornalista é o deslocamento. O profissional

precisa sair para a rua para ver, apurar e relatar o que está acontecendo a todo o momento, literalmente correr atrás da notícia (PETRARCA, 2008).

O processo que substituiria completamente a influência da imprensa francesa, opinativa e exuberante, pela americana, objetiva e concisa, teve início nos anos 1950. “A imprensa foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina, substituindo-a por um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida ‘objetiva’ e ‘imparcialmente’ na forma de notícia).” (RIBEIRO, 2003, p. 148). Escritores redatores foram substituídos por profissionais que vigiavam a linguagem, o estilo, a veracidade das informações e sua exposição segundo as regras da pirâmide invertida (COSTA, 2005) e do *lead*, “a abertura do texto, o primeiro parágrafo, que devia resumir o relato do fato principal, respondendo a seis perguntas básicas: quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como? e por quê?” (RIBEIRO, 2003, p. 149). A era do jornalista de vários empregos chega ao fim.

A Constituição de 1946, que foi a primeira a defender a liberdade de manifestação de pensamento sem censuras, dura menos de 20 anos, uma vez que o golpe civil-militar de 1964 viria a implantar uma forte censura prévia, além de definir assuntos sobre os quais a imprensa não poderia abordar. A partir destes cenários de cerceamento, algumas formas de resistência foram utilizadas pelos jornalistas, como, por exemplo, a criação de jornais alternativos (não comprometidos com o regime militar), já que a maioria dos grandes veículos pertencia a uma só família ou um grupo de pessoas, ligadas a interesses políticos, partidários ou privados, o que é muito comum também na lógica atual (NEVEU, 2006).

O jornalismo teve seu primeiro instrumento legal regulamentador assinado pelo presidente Getúlio Vargas em 1938. Além disto, Vargas criou mais dois atos de regulamento profissional dos jornalistas: instituição do primeiro curso superior de jornalismo no país, em 1943, e fixação de remuneração mínima e definição de funções, em 1944.

A criação do ensino superior de jornalismo foi um outro passo fundamental no processo de profissionalização dos jornalistas. Até então havia uma elite de profissionais, formada principalmente nas faculdades de direito, mas a grande maioria era mal preparada, não tendo sequer concluído o ensino médio. (RIBEIRO, 2003, p. 153).



## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação

A profissão foi considerada uma atividade intelectual desde antes da exigência do diploma de nível superior, em 1969, que viria a ser dispensado pelo Supremo Tribunal Federal, em 2009. A obrigatoriedade do diploma em 1969 não foi absorvida com rapidez pelo mercado, tanto pela falta de profissionais, quanto por resistência das empresas. Em 2004, a Federação Nacional dos Jornalistas pediu para que fosse criado o Conselho Federal de Jornalismo com o objetivo de controlar o exercício profissional, nada que se diferenciasse dos conselhos de profissões de médicos, advogados e engenheiros. O projeto de lei foi retirado de pauta quando os veículos unanimemente criticaram a proposta, apresentada por esses como forma de reprimir a liberdade de expressão (NEVEU, 2006).

Por outro lado, a exigência do diploma incentivou o aumento de cursos de Jornalismo, que eram poucos nos anos 1960 e tiveram um grande aumento quantitativo, chegando, nos anos 1990, a mais de 200 cursos pelo país.<sup>5</sup> Nos anos 1970 e 1980, o jornalismo brasileiro teve a maior profissionalização dos jornalistas como fruto da regulamentação de 1969, a luta sindical e a assimilação pelos veículos de seu caráter empresarial (NEVEU, 2006).

Pressionadas pela competição trazida pela globalização da economia e o surgimento de novas mídias, as empresas jornalísticas entraram em crise juntamente ao mercado profissional, que perdeu algumas benesses oficiais e começou a ser fortemente marcado pela redução salarial e pela introdução de subterfúgios para driblar a legislação trabalhista. Algumas características citadas por Neveu (2006) estão presentes também nos tempos atuais, por exemplo, a contenção salarial, a utilização cada vez maior do noticiário de agências e de *press-releases* para substituir a contratação de profissionais e a contratação de *freelancers* como pessoas jurídicas, sem garantias trabalhistas.

Em 17 de junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal derrubou a exigência do diploma em Jornalismo para o exercício da profissão, imposta pelo Decreto-Lei 972/69. Segundo matéria publicada no portal de notícias da *Globo* (ABREU, 2009), o então presidente do STF, Gilmar Mendes, comparando

---

<sup>5</sup> Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), em 2013, havia 226 cursos de graduação em Jornalismo sendo ofertados no Brasil. Dados dos resultados do Índice Geral de Cursos Avaliados (IGC), disponíveis em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/igc/2013/igc\\_2013\\_09022015.xlsx](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/igc/2013/igc_2013_09022015.xlsx)>. Acesso em: 17 maio 2015.



jornalistas com chefes de cozinha, afirmou que um graduado em Jornalismo não necessariamente tem mais qualidades no exercício da atividade do que qualquer outro profissional. A advogada do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo (Sertesp), entrevistada na mesma matéria, também argumentou: “Mais do que indesejável, a exigência do diploma para jornalistas é impraticável. Como se proibirá o exercício da disseminação da informação pela internet?” (ABREU, 2009). Até o momento, o Projeto de Emenda Constitucional que torna o diploma em jornalismo obrigatório para o exercício da profissão encontra-se tramitando nas diversas instâncias do legislativo brasileiro e, apesar da forte pressão da categoria, ainda não foi aprovado.

### **3 UM OLHAR SOBRE O JORNALISMO/UFU: OBJETO E DESENHO DA PESQUISA**

Como já mencionado, neste artigo apresentamos alguns dos resultados obtidos na pesquisa *Egressos do Jornalismo/UFU no mercado de trabalho*, que teve como objetivo principal traçar um perfil para o jornalista formado pela Universidade Federal de Uberlândia. Duas importantes pesquisas de temática similar foram utilizadas como referência: a pesquisa *O perfil dos jornalistas profissionais no Estado de São Paulo e o ponto de vista desse profissional sobre o seu trabalho*, desenvolvida pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, feita entre 2009 e 2012 (FÍGARO, 2013); e a pesquisa *Perfil do jornalista brasileiro. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico*, realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da instituição, em convênio com a Federação Nacional de Jornalistas e com o apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e da Associação Brasileira de Pesquisadores do Jornalismo, realizada em 2012 (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC, 2012).

O curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia foi oficialmente criado em 29 de agosto de

## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação

2008 e sua primeira turma ingressou em 2009. Foi reconhecido no dia 15 de outubro de 2013, através da Portaria nº 515/MEC/SERES, ano em que alcançou a primeira colocação nacional na classificação do Inep/MEC para cursos de Jornalismo de todo o país. A nota do Jornalismo UFU foi 4,47 pontos, que confere conceito cinco, recebido apenas por oito cursos de Jornalismo entre todos os avaliados.<sup>6</sup> Esse resultado é calculado através de uma equação que envolve o resultado do Enade 2012,<sup>7</sup> a avaliação *in loco* feita pela Comissão de Reconhecimento de Curso e a nota geral da Universidade Federal de Uberlândia no Índice Geral de Cursos (IGC), indicador que considera tanto a graduação, quanto a pós-graduação da IES.<sup>8</sup>

O curso é oferecido na modalidade bacharelado, com sistema acadêmico semestral, turno diurno integral, com aulas pela manhã e à tarde, e oferece 40 vagas por ano. Sua duração é de quatro anos, podendo ser concluído com 3,5 anos ou, no máximo, seis anos. A proposta curricular atual alia o conhecimento teórico e metodológico em comunicação à prática jornalística, contando com 18 disciplinas teóricas e 21 práticas, além das disciplinas optativas oferecidas, das quais o discente deve escolher três para integralização curricular (BRASIL, 2008). Entre as disciplinas, já estão incluídas Estágio Acadêmico (com 120 horas/aula), Projeto Experimental I e II (60 horas/aula + 180 horas/aula) e TCC I e II (60 horas/aula + 120 horas/aula). Pelo currículo vigente também devem ser comprovadas 140 horas de Atividades Complementares. Com tais componentes, são necessárias 2.840 horas para a integralização curricular (BRASIL, 2008).

A pesquisa supramencionada foi realizada com os 49 egressos da primeira e segunda turmas, concluintes em 2012 e 2013, respectivamente. Foram adotados dois instrumentos de pesquisa: um questionário anônimo e uma entrevista. O convite para responder ao questionário, construído com 30

<sup>6</sup> O resultado completo da classificação feita pelo Inep/MEC está disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=06/12/2013&jornal=1&pagina=65&totalArquivos=264>>. Acesso em: 17 maio 2015.

<sup>7</sup> O resultado completo do Enade 2012 está disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/planilhas/2012/conceito\\_enade\\_2012.xlsx](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/planilhas/2012/conceito_enade_2012.xlsx)>. Acesso em: 17 maio 2015.

<sup>8</sup> O resultado completo do IGC está disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/igc/tabela\\_igc\\_2012\\_30012014.xls](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/igc/tabela_igc_2012_30012014.xls)>. Acesso em: 17 maio 2015.

perguntas na plataforma *Google Forms*, foi enviado aos 49 egressos, tendo obtido 46 respostas. O anonimato do formulário justifica-se por propiciar maior conforto e sinceridade por parte dos respondentes. Em sua elaboração, a pesquisa *Perfil do jornalista brasileiro* (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC, 2012), realizada pela UFSC em 2012, serviu como principal embasamento para as perguntas, por pontuar questões indispensáveis para o estabelecimento de um perfil para o profissional do jornalismo. O questionário ficou aberto a respostas entre os dias 29/10/2014 e 15/11/2014.

Após finalizada a coleta de dados através dos questionários anônimos, foram realizadas dez entrevistas com egressos de diferentes áreas de atuação para uma análise mais qualitativa. Esta amostra foi escolhida por conglomerados (GIL, 2002), por representar cerca de 20% do total de 49 jornalistas formados pela UFU. Os entrevistados foram escolhidos visando a maior diversidade de áreas de atuação quanto possível. Dentre aqueles que atuam na mesma área, tiveram preferência os que estavam inseridos em empresas mais consolidadas.

Como o questionário mostrou que 28 dos 46 diplomados trabalham na área, a amostra de dez pessoas pode ser considerada significativa por representar mais de um terço do total de jornalistas formados pela UFU ativos na profissão. Dentre os entrevistados, cinco trabalham com mídias e processos tradicionais. São estes: jornal impresso, rádio, TV e assessoria de imprensa. Os outros cinco entrevistados seguem carreira em meios não tradicionais: marketing digital, marketing estratégico, design gráfico, representação internacional e empreendedorismo pessoal. Tal divisão não foi realizada intencionalmente, mas mostrou-se relevante a partir dos resultados obtidos com o cruzamento de dados dos questionários e das entrevistas para definir o perfil do egresso que estávamos buscando, como será apresentado a seguir.

#### **4 PROCESSOS E MÍDIAS TRADICIONAIS E INOVADORES: RETRATO DE UM DESCONFORTO**

O percurso de pesquisa descrito acima gerou uma grande quantidade de dados e permitiu uma série de cruzamentos que oferecem uma visão sobre a

## **Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação**

inserção dos egressos de Jornalismo/UFU no mercado de trabalho. No presente artigo, conforme mencionado, iremos focar apenas nas questões que permitem identificar uma distinção entre os profissionais que atuam em mídias tradicionais e naqueles que atuam em novos meios ou processos comunicativos. Para chegarmos a tais conclusões, cruzamos os dados quantitativos obtidos no questionário com os dados qualitativos das entrevistas.

Uma primeira observação diz respeito ao grau de satisfação com o trabalho. Os dados levantados nos possibilitam inferir que os egressos imersos em meios de comunicação tradicionais estão mais satisfeitos com suas condições de trabalho, enquanto os jornalistas empregados em meios não tradicionais, estão menos satisfeitos.

A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho é o relacionamento com pessoas e empresas. Dentre os trabalhadores dos meios tradicionais, também é apontada a corrida contra o tempo, e entre os trabalhadores dos meios não tradicionais, a falta de conhecimentos específicos das novas áreas da comunicação em que estão inseridos. Tal dificuldade não reflete apenas uma característica dos egressos de Jornalismo da UFU, mas também, uma crise indenitária que a própria profissão vem enfrentando depois que as novas tecnologias destituíram o jornalista de seu cargo de produtor privilegiado de informações sobre a realidade social. (SOARES, 2015, p. 51).

Outra diferença que é possível perceber nesses dois grupos diz respeito a percepção de categoria profissional. De acordo com os resultados, “os egressos que trabalham em meios tradicionais aparentam ter maior percepção do jornalista enquanto classe profissional” (SOARES, 2015, p. 52). Observa-se que os egressos que trabalham em meios não tradicionais percebem menos a categoria jornalística, o que possivelmente seja decorrência das novas formas de trabalho.

As entrevistas mostraram que estes jornalistas trabalham com um número reduzido de colegas e, muitas vezes, em suas próprias casas. Este distanciamento entre os jornalistas diminui as oportunidades para o debate sobre condições de trabalho e o compartilhamento de ideias, algo que já havia sido apontado também nas pesquisas sobre perfil nacional dos jornalistas. Pode-se perceber ainda, que os egressos do Jornalismo/UFU, em geral, não mostram grande interesse por assuntos relativos à sindicato, organizações de classe e outras

temáticas relacionadas ao profissional enquanto categoria, o que também acompanha uma tendência de desmobilização identificada em outras pesquisas (TRAVANCAS, 1992; FÍGARO, 2013). (SOARES, 2015, p. 52).

Também é possível perceber que a maioria dos egressos empregados em meios tradicionais vê a realidade como “dada” e a função do jornalista como informar as pessoas sobre o que acontece nesta realidade. Entre os jornalistas empregados em meios não tradicionais, a maioria vê a realidade como “facetada” e o jornalista como uma das alternativas de mediação desta com a sociedade.

Foi perceptível ainda, uma postura mais pró-ativa por parte dos egressos que trabalham em meios não tradicionais, uma vez que estes foram forçados a aprenderem conteúdos específicos de sua área de atuação para se manterem no mercado de trabalho. Já os egressos que se encontram nos ambientes tradicionais do jornalismo, aderem a uma postura mais inclinada à responsabilização do curso e procuram menos fontes alternativas de capacitação. (SOARES, 2015, p. 52).

Possivelmente relacionado a tal necessidade, ao serem questionados sobre sua formação, percebeu-se que os egressos que trabalham em meios não tradicionais apresentam maiores críticas e propõem a inclusão de conteúdos não presentes no currículo, em maioria de caráter prático. Já os egressos estabelecidos em meios tradicionais, demonstram menores críticas ao curso e destacam a necessidade de aprofundar conteúdos já inclusos no fluxo curricular, em maioria conhecimentos teóricos.

## **5 CONCLUSÕES E DESAFIOS**

Acreditamos que tais resultados fazem um alerta, sobretudo em um momento em que a maior parte dos cursos de Jornalismo do Brasil está em processo de reestruturação curricular para se adequar às novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). Eles demonstram que o curso de Jornalismo/UFU (e talvez muitos outros cujos fluxos curriculares vigentes são baseados em meios e processos tradicionais de produção da notícia) tem conseguido bons resultados na formação de jornalistas para atuarem em meios de comunicação tradicionais.

## Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação


Isto porque os egressos inseridos nestas áreas se vêm mais satisfeitos com o curso e não demandam conteúdos muito distantes do que o fluxo curricular já oferece, enquanto os egressos que trabalham em meios não tradicionais, sentem falta de conhecimentos que o fluxo curricular não abrange. (SOARES, 2015, p. 52).

Um maior diálogo com a prática profissional não é uma demanda nova nos cursos de Jornalismo e a pesquisa aqui apresentada também reforça isso. Na maior parte dos comentários feitos ao questionário, assim como nas entrevistas, foi apontada a necessidade de mais aproximação entre a academia e o mundo do trabalho, a partir das disciplinas práticas e experiências laboratoriais ou de estágio.

Com base nas próprias dificuldades enfrentadas pelos egressos nos meios de comunicação tradicionais e como alguns sugerem, as disciplinas práticas poderiam trabalhar com uma realidade temporal não tão dissonante da realidade dos meios de comunicação para que o aluno não tivesse, posteriormente, tanta dificuldade ao se deparar com a pressão do mercado de trabalho, como relata um egresso.<sup>9</sup> (SOARES, 2015, p. 53).

34 |

Tal aproximação se faz ainda mais necessária em um tempo que as práticas profissionais sofrem alterações em alta velocidade e os processos de produção jornalística estão em constante atualização, seguindo as mudanças tecnológicas em curso.

O grande desafio, portanto, parece ser aproveitar o momento de reestruturação para trazer aos nossos fluxos curriculares a transdisciplinaridade e a convergência, que são marcas das atuais dinâmicas de produção de conteúdo jornalístico. De tal modo, oferecer aos jornalistas em formação não apenas uma base sólida do ponto de vista conceitual e técnico, mas condições de experienciar, ainda nos bancos escolares, as práticas de produção em que se cruzam diferentes mídias, conteúdos, linguagens e processos comunicativos. Somente assim poderíamos minimizar, embora nunca eliminar, o desconforto causado por viver em um tempo marcado pela impermanência. 

---

<sup>9</sup> O egresso complementa: "Aqui você tem um mês, dois meses para fazer uma matéria. Lá não. Lá você tem meia hora para sair na rua, falar ao vivo com o entrevistado e já fechar porque você tem que ir para outra" (MARTIN, 2014 apud SOARES, 2015, p. 53).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Diego. STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista. **g1: o portal de notícias da Globo**, 17 jun. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 out. 2013 Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=14242&Itemid](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=14242&Itemid)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Projeto pedagógico do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/sites/faced.ufu.br/files/Projeto%20pedag%C3%B3gico.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FIGARO, Roseli (Org.); NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul – manual de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997.

MARTIN, Lucas. **Egressos de Jornalismo/UFU no mercado de trabalho** [nov. 2014]. Entrevistadora: Michelle Júnia Soares. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PETRARCA, Fernanda Rios. Por uma Sociologia Histórica do Jornalismo no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: Rede Alfredo de Carvalho, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/POR%20UMA%20SOCIOLOGIA%20HISTORICA%20DO%20JORNALISMO%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2014.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características demográficas, políticas e do trabalho (2012). Síntese dos principais resultados. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 147-160, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186/1325>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SOARES, Michelle Júnia. **Egressos do Jornalismo/UFU no mercado de trabalho**: mapeamento sobre o perfil e inserção profissional dos jornalistas formados pela



## **Fluxos curriculares e dinâmicas de produção jornalística: reflexões sobre os desafios da formação**

Universidade Federal de Uberlândia. 2015, 132 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. **Entre mudanças e permanências**. 2009, 234 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2008. (Volume II).

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo** – porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. (Volume I).

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.